

empregabilidade, com ampliação de oportunidades, aumento de renda e desenvolvimento da autonomia.

“O curso técnico é um acesso mais rápido que tem alta inserção no mercado de trabalho, capacitando os profissionais e ampliando oportunidades. Além disso, nossa pesquisa mostra que os estudantes que fazem os cursos têm renda 25% maior em comparação aos que não têm formação técnica. Um terceiro fator consiste na possibilidade de os alunos conhecerem e se apaixonarem pelas profissões para fazer escolhas”, afirma.

Avaliação

A pesquisa de egressos do Senai ocorre em três etapas: aplicação de questionários aos estudantes no mês de conclusão do curso, acompanhamento dos egressos a partir de seis meses após a formação e avaliação junto às empresas. O levantamento tem como objetivos principais avaliar a qualidade dos cursos ofertados pela instituição, mapear as oportunidades no mercado de trabalho e alinhar a formação dos alunos com as necessidades do setor produtivo.

O estudo avalia quatro modalidades de ensino: aprendizagem industrial, qualificação profissional, técnico de nível médio e graduação tecnológica. As duas primeiras concentram uma faixa de 70% de inserção de egressos no mercado de trabalho, enquanto as duas últimas atingem média de 90%. A taxa de aprovação dos cursos pelos estudantes é significativamente alta, com 99,4% dizendo que os indicariam. Em todas as modalidades, com exceção da graduação, houve aumento na quantidade de profissionais empregados em relação ao último levantamento, feito entre 2020 e 2022.

“Durante a pandemia, a gente foi muito criterioso. Sofremos menos do que as outras instituições de educação, porque todos os nossos cursos podiam ser oferecidos a distância. Então, a gente se preocupou muito em garantir que o aluno fosse bem informado, mesmo com uma pandemia. Esse período aumentou a segurança da sociedade no ensino remoto, entendendo que é possível garantir a qualidade da educação”, declara Felipe Morgado.

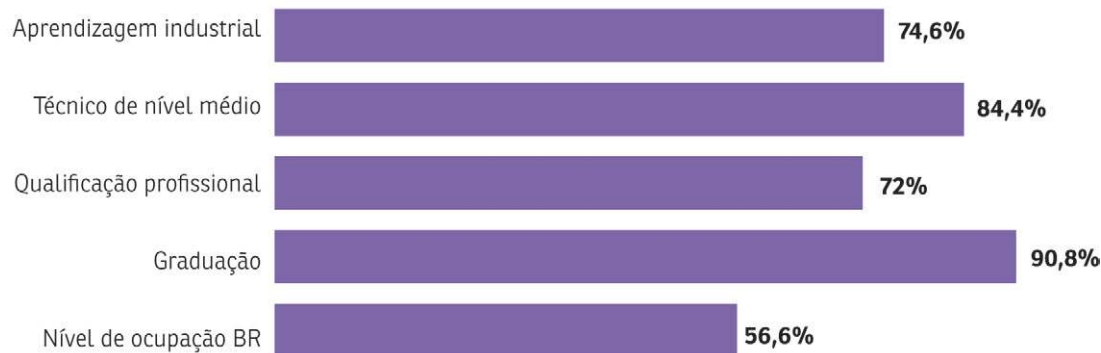
Iano Andrade/CNI



Felipe Morgado, superintendente do Senai, indica formação técnica para ter novas oportunidades

Direto para o mercado

TAXA DE OCUPAÇÃO DE EGRESSOS 2021/2023 — NÍVEL DE OCUPAÇÃO BRASIL 2022



Fonte: Pesquisa SAPES FII — Egressos 2021/2023 e IBGE — 2022

Preferência das indústrias

Entre as 1.232 empresas pesquisadas, 91,7% preferem contratar egressos do Senai. Todos os índices observados na pesquisa superam o nível de ocupação médio dos brasileiros. Atualmente, quase 62% da população se encontra na faixa economicamente ativa (PEA), ou seja, que podem contribuir para movimentar a economia do país, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) de 2023. Desse índice, 57,6% estão empregados, representando mais de 100 milhões de pessoas. A PnadC ainda mostrou que a população desocupada chega a 8,5 milhões.

Fernando Tamayo, de 68 anos, fez curso de energia fotovoltaica no Senai Brasília e trabalha na administração da consultoria internacional Brazilian Solar. Para ele, a formação na instituição foi “o início de uma transformação de sucesso”. De origem peruana, ele mora no

Brasil há 32 anos, porque casou com uma brasileira. Tecnólogo de mecânica e formado em administração, era representante comercial de indústrias antes de trabalhar com energia solar, mas a pandemia o levou a buscar outros meios de sustento.

“Com a covid-19, tudo mudou. Meus clientes desapareceram, então tinha que buscar outra forma de sustentar a família. Notei que muitos vizinhos queriam colocar energia solar em suas casas, mas não tinha ninguém conhecido no bairro que fizesse isso. Então resolvi estudar energia fotovoltaica e eletricidade, pois não tinha conhecimento sobre o assunto”, conta.

Com as bases técnicas aprendidas no curso, Fernando e sua equipe vão organizar a primeira feira de energia solar do Brasil, aberta ao público: “Queremos ensinar ao público consumidor o jeito certo das instalações, para que possam buscar os serviços adequados”.

Ele comenta que a falta de especialização dos profissionais que instalam painéis solares gera problemas, destacando que “todos os engenheiros devem passar pelo Senai, e as empresas instaladoras de energia solar deveriam ter, pelo menos, um técnico graduado na instituição”.

A maior parte dos estudantes de cursos técnicos do Senai estão na faixa etária de 16 a 24 anos, sendo 37% do gênero feminino. De acordo com Felipe Morgado, isso reflete a dinâmica do mundo: “Na indústria, existe uma imagem estigmatizada pelo gênero masculino, mas a gente está formando mais mulheres para estimular essa política afirmativa. Acredito que, cada vez mais, elas estarão presentes nas áreas industriais”.

Presença feminina

O Senai forma bem mais mulheres em relação à participação delas na indústria nacional. Segundo dados do Observatório

Nacional da Indústria, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), elas respondem por apenas um quarto da força de trabalho, mas observa-se aumento da presença feminina em cargos de gestão — passando de 24%, em 2008, para 31,8%, em 2021.

Giovanna Sousa, de 26 anos, participou do programa Escola de Eletricistas, da Neoenergia, no Distrito Federal. Executado pelo Senai, o programa é voltado para a ampliação da participação feminina na área, contando com 343 eletricitistas formados entre 2021 e março de 2024, dos quais 45% são mulheres. Entre os 275 profissionais contratados, a representação feminina é mais de 50%.

Nesse contexto, Giovanna conta que o interesse na formação partiu da percepção acerca da desigualdade de gênero na profissão, o que a motivou a defender a equidade no trabalho. “O que me chamou a atenção foi que o programa estava procurando mulheres para participar. Eu me interessei até porque, na minha família, tem muitas pessoas que trabalham na área de eletricidade; meu pai, inclusive. Mas eu nunca tive nenhum incentivo dentro de casa, justamente por ser uma área majoritariamente masculina. A questão, aqui, não é só inserir a mulher no mercado de trabalho, mas fazer adaptações para garantir equidade”, diz.

Antes de participar do programa organizado pelo Senai, Giovanna não tinha noções sobre energia elétrica. Além dos conhecimentos adquiridos nas aulas, ela considera que o diferencial da formação foi ver que “nós, mulheres, podemos fazer o que quisermos”. Hoje, contratada pela Neoenergia, Giovanna é pioneira em manobra de subestações, setor responsável por garantir proteção e operação de determinados trechos da rede elétrica.

“Todos os dias, não é só fazer o nosso trabalho, a gente tem que entender o significado disso. Também é uma questão de representatividade, porque quantas mulheres não tiveram a oportunidade que eu tive? De ter todo o apoio para fazer um curso de qualidade, com acesso aos equipamentos e chance de atuar na área elétrica. Quantas mulheres no Brasil não tiveram essa chance? Então é isso o que me move todos os dias para vir trabalhar: ser exemplo para outras”, compartilha.

***Estagiária sob a supervisão de Ana Sá**